

rebeldias e invenções na anarquia

edson passetti*

É preciso ser rebelde. Os anarquistas não esperam pelo futuro. Atuam no presente alimentando a utopia dos universalistas tanto quanto a vivência de singulares libertários na atualidade. Os anarquistas são rebeldes, muitas vezes utópicos e comumente realizadores de experiências liberadoras. Mais do que lutar por justiça e fermentar práticas igualitárias, os anarquismos são invenções da vida.

Os anarquistas querem a anarquia, como expôs com clareza e potência Pierre-Joseph Proudhon. Não a *bagunça* como enfaticamente seus adversários proclamam. A anarquia é uma existência social com pessoas livres associadas. Construí-la requer a rebeldia¹ de quem não dá sossego a si mesmo, convulsiona-se, incomoda-se, atíça a potência da liberdade em si e no amigo. A anarquia não é um regime estável, contínuo e tranqüilo que será encontrado no futuro após alguma gloriosa revolução vencedora capitaneada pelos desveladores da ver-

* Professor no Depto. de Política do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e Coordenador do Nu-Sol.

dadeira consciência e chefes da grande massa ou no findar de um processo pacífico liderado no parlamento pela social-democracia. Baseia-se no mutualismo econômico e no federalismo político vividos pelas associações. É o terceiro momento na série justiça iniciada pela humanidade com a comunidade e seguida pela propriedade. Em ambas o que era justo para alguns permanecia como injustiça aos demais. Os fortes que eram explorados pelos fracos no regime da comunidade, fundado na força física diante das intempéries naturais, revoltaram-se contra tal injustiça e fundaram o regime da propriedade, passando a partir de então a explorar os demais, segundo o uso combinado das forças físicas e intelectuais. Foi na busca por soluções justas que se percorreu a história que vai da criação do patriarca ao povo soberano até chegar aos homens livres de governo superior e propriedade privada. A anarquia é o regime da liberdade dos indivíduos livres associados com base no apoio mútuo, que se dispensam de soberanos e ultrapassam as normas, leis e injustiças decorrentes da propriedade. Anarquia e liberdade são sinônimos, dois nomes para o mesmo regime. A anarquia é a possibilidade de uma sociedade justa que abole a exploração entre os homens e sua instituição-mor, o Estado.

Foi desta matriz proudhoniana que os demais anarquismos contemporâneos se inventaram, disseminando a anarquia como um regime que não orquestra territórios a partir de uma instância, mas que é composto por atos intensos provocados por cada um, cada rebelde associado. Para existir, a sociedade igualitária, fundada no indivíduo livre e autônomo, requer abolição da autoridade centralizada, do pai, do chefe, do professor, do governante. É a revolta contra a autoridade central que fortalece a liberdade e instiga a novas relações

horizontalizadas abreviando sociabilidades autoritárias a cada associação que se efetiva.

Para os anarquistas, a anarquia e os anarquismos estão na formação distendida de relações de autoridade e liberdade que abolem o centro, o saber superior e a Verdade verdadeira dos religiosos ou cientistas, em favor de uma descontinuidade. A vida se vive na coexistência: não há homens, saberes ou poderes verdadeiros, superiores ou inferiores: abolir hierarquias é potencializar liberdades. Os anarquismos não subestimam as ciências, apenas alertam para o poder da comunidade científica que determina a verdade verdadeira. Nada é fixo, constante e imutável, constatara Bakunin.

Liberdade e autoridade vivem em tensão, são insuperáveis e não dependem de uma síntese pacificadora: a vida potencializada em liberdades provoca e incentiva outras rebeldias. As séries *justiça* e *liberdade* e *justiça* e *autoridade* caminham para infinitos opostos. Segundo Proudhon², é por intermédio da análise das séries que se compreende a história das forças em luta, captam-se as atuações segundo as decisões descentralizadas ou centralizadas, formas pelas quais se realiza tanto a existência do indivíduo livre como sua acomodação como servo, súdito do governante ou democrata juramentado.

A emancipação humana, para os anarquistas, está relacionada aos avanços em progressão geométrica da séries *justiça* e *liberdade*, diante das estagnações ou crescimentos em progressão aritmética na série *justiça* e *autoridade*. A invenção da vida libertária — descentralizada, mutualista e federalista — leva à sociedade igualitária fomentando a diversidade e a singularidade de ações libertadoras vinculadas às incessantes rebeldias. A rebeldia de cada um garantirá a sociedade anar-

quista e igualitária e não a falsa ilusão de paz divulgada pelos Estados e seus governantes, em nome da ordem, da autoridade superior, do saber mais sábio, da classe destinada. A emancipação humana não é uma meta a ser alcançada no futuro por meio de um traçado consciente e preciso, é uma criação no presente. Ela não supõe a uniformidade para libertar a diversidade. Ao contrário dos socialistas autoritários, ela afirma a diversidade para garanti-la no futuro.

Certas pessoas identificam o anarquista com o jovem rebelde que questiona a autoridade centralizada, como homem insatisfeito com a ordem e que ainda não amadureceu, com pessoas que se recusam a ceder aos efeitos inevitáveis dos acomodamentos necessários, com um marginal, um convicto iracundo. Daí decorre a constatação que comanda o passo firme das forças conservadoras da sociedade em direção ao anarquista, tido como sinônimo de terrorista, de sujeito perigoso, alguém que deve ser combatido, preso, excluído, exilado, esquecido. Na melhor das hipóteses, um sonhador, um nostálgico, peça de museu vivo a ser colecionada, antiquado e ultrapassado romântico, um infantilizado político, ou ainda, como prefere parte da historiografia de inspiração social-estatista, um ator pré-político, um dinossauro na política. Entretanto, apesar das múltiplas conotações a ele atribuídas, os anarquistas também não estranharam ou se surpreenderam quando, na segunda metade do século XX, os socialismos começaram a ruir. Muito menos quando estes teóricos, antes de dialogarem sobre a crise do socialismo estatista com os anarquistas, preferiram se acomodar às lições democráticas institucionais dos conservadores. Por não poderem abdicar do Estado, acabaram confirmando na história o que sua teoria supunha ter superado como metafísica; o fim do Estado, não passou de uma utopia

irrealizável. Como disseram os liberais, este tipo de socialismo nunca passou de uma forma de intervencionismo incapaz de destruir o capitalismo. Por linhas *tortas* estes socialistas teóricos e estatistas apenas colaboraram para redimensionar e recriar o próprio capitalismo, seja da maneira autoritária como socialista estatal histórico e efêmero, seja como um dissimulado retorno social-democrata, fazendo crer que pela via institucional democrática será possível chegar ao socialismo. É o percurso abandonado pelos revolucionários, no início do século XX.

Proudhon mostrou com a análise serial que a democracia é o regime mais livre dentre os instituídos sob a autoridade centralizada do Estado e que no seu interior são gestadas as condições para o regime da anarquia ou liberdade, aquele que sucede o da comunidade e o da propriedade. A democracia pertence à série liberdade e posiciona-se numa relação distinta e oposta ao comunismo, o regime superior na série autoridade. A democracia é o regime onde se pode inventar uma associação, fazê-la existir para além da legislação, difundir leituras e práticas libertárias, experimentar liberações, apontar os limites políticos da representação, as amarras da propriedade privada. Na democracia é possível experimentar a anarquia, não como concessão, mas como realização. O mutualismo é um sistema econômico e o federalismo uma articulação política para as associações. A ajuda mútua que fundamenta estas realizações não é filantropia, mas invenção de pessoas livres diante das misérias criadas pelo regime da propriedade privada. O federalismo, assim, não é exercício da representação das partes, mas vida destas partes que não se subordinam sequer à assembleia. Proudhon procurava, na sua época, analisar como integrar cidade e campo, indústria e agricultura — proble-

mas hoje redimensionados no interior de um capitalismo transnacional — sem o mando da propriedade e o comando do Estado. Para ele, a democracia é um regime de liberdade que permite a superação da representação com a conseqüente supressão da propriedade, instituindo-se, de maneira pacífica, pela ação contínua das forças em luta, a sociedade igualitária, a anarquia. Depois da queda dos regimes socialistas estatistas e da conformação federativa centralizada que vem assumindo a Europa, desde o final do século passado, decorrente dos desdobramentos derivados da ultrapassagem da era do Estado nacional, o tema do federalismo descentralizado permanece atual, tanto quanto o do mutualismo, agora sob o regime capitalista totalizado. A democracia permanece atual não só como o melhor regime para manter a dominação, mas também pelo seu outro lado que instiga à superação da institucionalidade dos seus procedimentos hierarquizados e da representação. Não se trata de buscar uma condição *a priori*; a construção de associações livres inventoras da vida, livres também dos prosélitos defensores de palavras e verdades do passado, legadas pelos intelectuais e ativistas desde o século XIX, é uma tarefa do presente. O anarquista não é um a mais nas ruas gritando palavras de ordem ou distribuindo panfletos. Não se trata, também, de demonstrar uma verdade diante de outra ou do regime da prova. Os detratores sabem da contundência das análises libertárias. Não as reconhecem por medo ou ignorância. Diferente dos anarquistas que sabem extrair da democracia limites ofuscados, seus críticos e adversários, pela carência de argumentos, preferem a detração ou a subestimação.

O anarquista é mesmo perigoso à sociedade. Ele não está aqui para defendê-la, reformá-la ou recriá-la. Ele quer inventar vida e isso não implica sempre em nova

sociedade, utopia do paraíso ou sequer uma heterotopia de idealização criando um lugar capaz de dimensionar as positivities da utopia no presente, um lugar de perfectibilidade. É um rebelde entre os seus. Onde há rebeldia há desassossego e imperfeição, mesmo quando se tem a expectativa de uma nova sociedade igualitária, anarquista. Ele não menospreza a democracia, a potencializa. Ele recusa a identidade. É anarquista também por evitar ser identificado como tal entre outros anarquistas. É a atuação dissonante quando querem harmonia, desestabilizando os prováveis condutores³.

A invenção da vida exige uma educação livre de hierarquias: diante das utopias educativas da modernidade, baseadas na internação de todos objetivando a formação e a formatação de iguais, os anarquismos irão propor a abolição dos confinamentos. Os anarquistas se reconhecem como iguais e *diferentes*, duas características que os colocam como únicos. Se para uma vida igualitária é preciso rebeldia, cada um deve ser único entre os anarquistas, um diferente. Menos do que relacionar-se por afinidades — o que os nivelaria a todos os demais políticos atuando como forças sociais, segundo os interesses do momento, característica que define os aliados e os inimigos do Estado, no território e nas relações transnacionais, ou ainda a versão liberal que tolera a presença *do* diferente entre os iguais —, associam-se como amigos, seus melhores inimigos.

A associação anarquista supõe a liberdade de sair, a ética dos amigos que fazem coexistir suas diferenças provocando rebeldias — ética como abrigo precário —, alheia ao julgamento e em constante reviravolta provocada pela coexistência gerada pelos diferentes, um rio heraclítico. Manter os anarquismos relacionando-se segundo o princípio da afinidade é o mesmo que transformá-lo em proselitismo e atribuir aos seus de-

fensores o papel de guardiães das tábuas sagradas do passado. De iracundo a sacerdote passa qualquer anarquista toda vez que se voltar para a palavra certa, ou muito menos, a cada instante que se identifica como anarquista. O anarquista na atualidade desvencilha-se da aspiração a ser sujeito. Desconsidera outros socialistas que se dizem interessados em aproximar-se do *anarquismo* para aprender e dialogar segundo as afinidades socialistas. Sabe que eles, nostálgicos do XIX, acabam modorrentos como um efeito burocrático e acadêmico, refazendo a mesma antiga crítica aos *anarquistas*.

Estamos frente a frente a confrontos inevitáveis? Critica-se os socialistas estatistas por preferirem dialogar com os conservadores e repudia-se a aproximação no interior de uma atuação fundada na afinidade. Reconhece-se que a democracia é o *melhor* dos regimes para se fomentar o regime da anarquia ou liberdade, mas contorna-se os democratas. Declarar guerra a estas forças seria o mesmo que jogar no terreno do *inimigo*, o da destruição, da escravização, da morte, da glorificação do superior, do assujeitamento. A rebeldia abala mais do que bradar contra a autoridade superior, organizar-se como oposição, propor ser alternativo. Estes são os campos de atuação das rebeldias necessárias às reformas, à continuidade do Estado. Anarquia é descontinuidade por cada anarquismo, articulações federativas, no interior de cada uma e em cada outra nova associação, formada por únicos.

O único não é somente o indivíduo indivizível, autônomo forjado pelas utopias do século XIX. Por único podemos compreender também os *divíduos*, únicos que se fazem e refazem atravessados por múltiplas singularidades liberadoras expandidas pelas rebeldias. No primeiro caso estaremos ainda no campo da emancipação

humana, da anarquia como regime para a sociedade, das experiências libertadoras sendo capazes de responder às soluções para as injustiças sociais e assim sucessivamente, metafísicos. Do outro lado, estamos no âmbito de uma diversificação de anarquismos, invenções, constatações de ascensos e descensos temporários de práticas, campo específico para atuação por meio de afinidades e por éticas dos amigos, diferenças entre iguais que sinalizam para experiências de anarquismos, transcendentais ou não, voltados para o presente como balão de ensaio para o futuro ou para a atualidade como vida no presente, metafísicos no limite, neste lugar em que é preciso tomar uma atitude. Sabe-se pelas liberações que o reconhecimento do indivíduo indivisível é a expressão do Senhor e, por sê-lo, nada mais anti-anarquista, restando uma derradeira constatação ou nova questão: a perfectibilidade do indivíduo autônomo e indivisível foi a última transcendentalidade? Se não há sossego nas séries para autoridade e liberdade num absoluto reconfortante, não há, nem haverá, o indivíduo indivisível, a não ser como utopia irrealizável.

Os anarquismos se diferenciam podendo ou não suscitar confrontos internos. Quando isso não acontecer, não se estará mais falando ou inventando anarquismos, mas apenas professando palavras sacerdotais de uma doutrina. Os anarquismos coexistem sem duelar por hegemonia; existem e atuam com mais ou menos velocidades e intensidades, segundo as épocas. Não pretendem a verdade verdadeira; isto seria um suicídio. Composto por únicos e associados livremente, cada anarquismo dissolve gradativamente as hierarquias superiores, que muitas vezes permanecem como resquícios, segundo o culto a uma liderança do passado. O anarquismo não é isso ou aquilo, é preciso lembrar, ele é isso e aquilo; é rebeldia e é esta rebeldia que edu-

ca para a coexistência, para a federação, para a disseminação de miríades de associações. O anarquismo é simultaneamente uma utopia da sociedade igualitária e um modo de viver igualitário no presente despojado de utopia.

A anarquia não é um projeto futuro de sociedade. Quando ela aparece como utopia é um perigo e consolo para a anarquia⁴. Só há o presente, sob quaisquer condições históricas; isso é o que a análise serial apreende da permanência do anarquismo, inclusive sob regimes de autoridade, e que nenhuma teoria pode dar conta. É o que se faz como associações no presente. Cada uma inventa o anarquismo. Repletas de anarquistas, de únicos, educados pela rebeldia e inventores de revoltas. Dissolvem suas identidades e surpreendem.

O anarquista é uma pessoa insubordinável ao coletivo.

Notas

¹ Neste sentido, permanece atual e ativa a noção de homem revoltado de Albert Camus, em *O homem revoltado*. Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1996.

² Proudhon Pierre-Joseph, *O princípio federativo*, São Paulo, Imaginário, 2000; De la création de l'ordre dans l'humanité, Paris, Marcel Rivière, 1927. Convém ainda chamar a atenção para o derradeiro livro escrito por Proudhon e atual a qualquer ocasião. Trata-se do livro concluído em 1864, *De la capacité politique de la classe ouvrière*, Paris, Marcel Rivière, 1924, no qual Proudhon sublinha a necessidade de se rebelar constantemente, não havendo descanso para os libertários na história. A sociedade livre, da Anarquia ou Liberdade, depende de uma rebelião permanente antes, durante e depois. Os libertarismos de Proudhon e Stirner se comunicam por intensidades, assim como podem ser remetidos a Camus.

³ A historiadora Christina Lopreato, chamava minha atenção para a crítica dirigida por mim a Kropotkin, em artigo na Verve 2. Dizia ela que a aversão de Kropotkin à universidade se devia às condições históricas de época. De fato. Contudo, há uma permanência ossificada desta aversão histórica que prosse-

gue até a atualidade e que comanda certa identificação da universidade como lugar de um anarquismo de cátedra. Os tempos mudaram. Não só o anarquismo tem sido tema de dissertações e teses de pesquisadores que pretendem ascender à vida acadêmica, como passou a ser uma maneira de seus adversários investirem em sua crítica e derrocada. Diferente destas duas posturas, outras têm levado o anarquismo como maneira diversa de viver na universidade. Não há dono nem de mim, nem do anarquismo. A universidade é outra, os seus críticos são diversos e no anarquismo não há proibição tolerável.

⁴ E aqui reside a contundente crítica de Max Stirner a Proudhon em *O único e sua propriedade*. Para ele a metafísica de Proudhon pretende substituir o Estado pela Sociedade, uma troca de absolutos. Em *Filosofia da Miséria*, Proudhon chama a filosofia do trabalho, propositalmente de metafísica ou lei serial, método serial.

RESUMO

A atualidade da anarquia tensionada atravessando a permanência de anarquismos no presente. Do vigor de Proudhon, extraem-se espaços de resistências nos regimes da série liberdade valorizando práticas de revolta no interior da sociedade, mesmo sob o regime democrático. Do incontível de Stirner, acontecem atitudes insurretas para as quais a sociedade não é meio, nem fim, mas é também o alvo.

ABSTRACT

A atualidade da anarquia tensionada atravessando a permanência de anarquismos no presente. Do vigor de Proudhon, extraem-se espaços de resistências nos regimes da série liberdade valorizando práticas de revolta no interior da sociedade, mesmo sob o regime democrático. Do incontível de Stirner, acontecem atitudes insurretas para as quais a sociedade não é meio, nem fim, mas é também o alvo.